

O ESPELHO EM PORTUGAL NOS SÉCULOS XVII E XVIII.  
THE MIRROR IN PORTUGAL IN THE 17TH AND 18TH CENTURIES.

João Henrique Macedo Marrocano\*  
Antiques and Crafts,  
Arte Contemporânea/ Conservação e Restauro

**Resumo**

Este artigo faz uma introdução ao Mobiliário Acessório de Adorno e Serviço Doméstico em Portugal, entre 1650 e 1800, tendo como objetivo o estudo do espelho, móvel de caráter civil, cuja função e variedade complementa e repousa nos restantes agrupamentos de mobiliário. Estes bens foram analisados dentro das principais correntes artísticas que vigoraram em Portugal durante o período em questão. Procurou-se também assinalar os seus elementos físicos e estéticos e retratar a sua utilização nos espaços interiores domésticos.

**Palavras-chave:** Espelho; Portugal; Séculos XVII e XVIII

**Abstract**

This article introduces the Adornment Accessory and Domestic Service Furniture in Portugal, between 1650 and 1800, with the aim of studying the mirror, a civilian furniture whose function and variety complements and rests in the remaining groups of furniture. These goods were analyzed within the main artistic trends that prevailed in Portugal during the period in question. We also tried to highlight its physical and aesthetic elements and portray its use in domestic interior spaces.

**Key-words:** Mirror; Portugal; 17th and 18th Centuries

**1. Nota Introdutória**

No presente artigo propomo-nos identificar os modelos dos espelhos presentes em Portugal, caracterizar os seus elementos físicos e estéticos, levantar as suas influências estilísticas e geográficas, e retratar o seu uso nos espaços domésticos no período compreendido, entre 1650 e 1800.

A conveniência pelo assunto parte da constatação de que este tema continua a ser um campo de pesquisa ainda incipiente e por desbravar no universo do estudo da História do Mobiliário produzido em Portugal, sendo muito raros (ou mesmo inexistentes) as análises que especificamente aprofundem os aspetos formais, artísticos, estilísticos e utilitários da tipologia, o que torna essa investigação pertinente e necessária para a História do Mobiliário Por-

---

\* E-mail: [antiques.geral@gmail.com](mailto:antiques.geral@gmail.com)

tuguês. Além disso, e tendo em conta o agrupamento dos espelhos nos bens de mobiliário acessórios de adorno e serviços doméstico<sup>1</sup>, esse estudo será também importante para a investigação sobre o percurso do gosto e dos bens acessórios nos interiores portugueses, a evolução dos comportamentos sociais e o consumo das artes decorativas, durante o século XVII e XVIII, em Portugal.

A orientação metodológica da pesquisa partiu da confrontação das características dos bens de época, presentes em museus, monumentos nacionais e/ou transacionados no mercado da arte, com a informação sobre a matéria contida em inventários orfanológicos da época. Com esse cruzamento, pretendeu-se nos dados dos inventários, acompanhar as especificidades formais e decorativas dos bens de época, assim como as expressões do gosto, das mudanças e das influências de estilo que vêm sendo referidas nas fontes históricas, críticas e estéticas (nacionais e estrangeiras), sobre os espelhos produzidos e difundidos em Portugal, tentando-se obter uma visão histórica, individualizada e específica dos espelhos realmente existentes (dentro do espaço temporal escolhido).

A seleção bibliográfica partiu de uma abordagem heurística, o que levou ao recenseamento de fontes, documentos, artigos e trabalhos de arquivo que enquadrassem o tema, na sua globalidade. Os inventários orfanológicos, pela enorme quantidade existente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa, e pela disponibilidade e facilidade de acesso on-line<sup>2</sup>, foram eleitos e estudados, dentro do período em causa, vinte e seis inventários, correspondentes a mais de setenta modelos de espelhos - pertencentes a grupos sociais com fortunas patrimoniais, quer legitimadas pela nascença, quer pelo poder económico, quer pelas competências sociais -, e que vieram a constituir-se como o nosso eixo principal de investigação.

Ainda relativamente aos inventários, não podemos esquecer que por vezes, devido a razões familiares ou do tempo decorrido após a morte do inventariado, alguns bens significativos podem ter sido ocultados ou alienados, nunca tendo indo à coação. Por outro lado, importa considerar que os bens descritos dificilmente correspondem a objetos precisamente contemporâneos da data da inventariação, sendo necessário desdobrar os dados, tão exaustivamente quanto possível, com os bens idênticos (no universo dos inventários) e as características histórico-artísticas dos períodos anteriores, para o seu correto entendimento.

No que respeita à carência nos inventários de uma rigorosa identificação, foi uma situação que obrigou a reter termos genéricos como “antigo”, “a inglesa”, “feitos no norte”, “adamentado”, “tinto”, “maiores”, “piquenos”, “com muito uzo”, “tudo deneficado”, “todos menxados”, e a acolhê-los como créditos que, embora relativamente aleatórios, são testemunhos importantes para a caracterização formal, a origem geográfica e a perceção cronológica dos bens.

Por fim, houve ainda a necessidade de procurar o valor estético dos espelhos registados nos inventários. Para que esta dificuldade fosse ultrapassada, foram consideradas três linhas orientadoras que, sumariamente, constam do valor atribuído pelo avaliador ao espelho sujeito à avaliação, da respetiva descrição - onde sobressai o material que constitui o espelho e as características físicas e/ou decorativas -, e também pela comparação do conteúdo das descrições com os objetos idênticos identificados e com os dados bibliográficos envolvidos na análise.

Apesar das óbvias razões materiais e de conjunto que liga o espelho aos tremós e às luminárias (“placas irmãs”), este estudo encontra-se restringido apenas à sua tipologia. Esta decisão surgiu por ser evidente que a individualidade identitária do espelho, *per si*, como uma peça de aparato, de requinte e de bom gosto, sempre se manteve autónoma; por outro lado. Além disso, os objetivos da utilização do tremó e das luminárias, na decoração dos espaços habitacionais, foram significativamente diferentes da vocação do espelho, nomeadamente, na sua utilização como objeto de uso pessoal e no seu uso como fator de ampliação uniforme dos espaços<sup>3</sup>. No caso do tremó, a finalidade da sua utilização na decoração residia na sua capacidade de multiplicação de vários pequenos espaços, suficientemente elevados, numa mesma área<sup>4</sup>. As luminárias, pela sua capacidade de difundir a luz proporcionada pela iluminação das velas, valorizavam as paredes de salões, no sentido da recriação e composição dos espaços<sup>5</sup>.

## 2. O Espelho em Portugal.

### 2.1 Século XVII

Uma das primeiras referências à utilização de espelhos nos interiores domésticos portugueses, no século XVII, é uma menção a um “espelho de Frandes grande de vestir com suas gornições pintadas e douradas”, que se encontra declarado nos registos nos bens de mobiliário da Pragmática de 1609, da cidade do Porto<sup>6</sup>.

As relações comerciais entre Portugal e a Flandres tornaram-se particularmente intensas, desde o século XV até meados do século XVII. Com o estabelecimento da feitoria portuguesa em Bruges (1411), primeiro, e em Antuérpia (1511), depois, e a apetência dos mercadores flamengos pelo açúcar madeirense, as plantas tintureiras dos Açores e os produtos e as artes decorativas exóticas trazidas da África e do Oriente, o vai e vem de gentes e de mercadorias foi maior, pelo que os gostos se divulgaram, lá e cá, enraizando-se e criando, em Portugal, uma verdadeira moda flamenguizante, designadamente, nas artes plásticas e artes decorativas<sup>7</sup>.

Durante esse longo período de intensas relações comerciais, entre as peças de mobiliário flamengo exportado para Portugal (como mesas, armários e contadores), estiveram, certamente, os espelhos. Os espelhos flamengos do século XVII, eram objetos constituídos por molduras de madeira de ébano (ou madeiras ebanizadas, como a nogueira e a pereira<sup>8</sup>), decoradas com entalhes quer de perfis, quer de incisões de ondulados, tremidos e torcidos (Fig. 1.1). Os modelos mais elaborados surgiam coroados com frontões entalhados, podendo as molduras ser revestidas com materiais exóticos como a tartaruga e aplicações de latão dourado, moldado e repuxado, adornado com motivos figurativos e vegetalistas (Fig. 1.2). Estes últimos elementos, juntamente com os entalhes de ondulados, tremidos e torcidos, criavam nas composições efeitos estéticos singulares e reflexos luminosos de múltiplos brilhos<sup>9</sup>.

Ao longo do século XVII é possível, nos inventários estudados, documentar a presença de espelhos flamengos nos interiores portugueses nas descrições de “espelhos de molduras negras de pereiro”, de “molduras negras”<sup>10</sup>, ou ainda, de “molduras trocidas”<sup>11</sup>. Em relação às suas dimensões, para além da clara referência a um espelho “com sinco palmos de comprido” (110cm),

identificado nos bens do Conde de Vila Pouca de Aguiar, em 1692, os critérios para a identificação da dimensão dos espelhos flamengos são aleatórios, encontrando-se assinalados como “pequenos” e “grandes”. Relativamente aos valores de avaliação, os montantes atribuídos aos espelhos flamengos são na ordem dos “quinze mil”, “vinte mil” e “cento e oitenta mil reis”, valores elevados na época e que evidenciam, por um lado, a sua origem importada e, por outro lado, reforçam a sua identificação como bens de luxo e de utilização social estratificada - já antes reconhecida pelos dados da pragmática de 1609. No que respeita à sua utilização, eram identificados como “espelhos de vestir” e de “toucador”<sup>12</sup>, certamente ligados às áreas domésticas destinadas a essas funções, como os “guarda-roupa”.

Os espelhos flamengos mais elaborados mantiveram-se nos interiores portugueses, praticamente, até finais século XVIII<sup>13</sup>. Todavia, a partir de meados do século, eram já considerados “antigos”, o que revela que se encontrariam já fora da moda vigente. Por outro lado, os valores baixos pelos quais eram avaliados<sup>14</sup> e os sinais de deterioração<sup>15</sup> com que, ainda assim, se encontravam dentro das habitações, são indícios da decadência do seu uso e do seu possível abandono para espaços da casa pouco utilizados no convívio social<sup>16</sup>.



Fig. 1. Espelhos Flamengos Século XVII.

1.1- Espelho Flamengo, Século XVII. Madeira de pereira ebanizada decorada com tremidos.

Dim: 125x107x10 cm. Fonte: [Large 17th Century Ebonised Cushion Mirror For Sale at 1stDibs](#) (acesso a 25/02/2021)

1.2- Espelho Flamengo, Século XVII (1650). Espelho revestido a nogueira com aplicações em latão gravado, moldado e repuxado; Frontão revestido a latão gravado, moldado e repuxado.

Dim: 110x73x10 cm. Fonte: [17th Century Cushion Moulded Walnut and Brass Dutch Mirror For Sale at 1stDibs](#) (acesso a 25/02/2021)

Também nesta época, o contato entre Portugal e as culturas orientais, sobretudo a japonesa (a partir do século XVI), tinha dado origem a uma série de novas formas de expressão artística. À medida que o intercâmbio comercial

e cultural entre portugueses e japoneses se foi consolidando, começou a haver a necessidade de se produzirem objetos para uso religioso e civil, tendo sido adaptados novos materiais, técnicas e motivos decorativos ao mobiliário ocidental levado para o Oriente, desenvolvendo-se assim a Arte Namban<sup>17</sup>. Esta decoração, inspirada no Oriente, exprimiu-se exemplarmente no revestimento de armários, escritórios, espelhos, oratórios e bandejas durante o século XVII, tendo permanecido em voga até meados do século XVIII<sup>18</sup>.

A imitação desses objetos na Europa deu lugar, em Portugal, à técnica do acharoadado (vulgarmente conhecida como “Xarão”). Esta técnica de revestimento consistia no emprego de motivos dourados<sup>19</sup> em fundos pigmentados, sobre os quais eram aplicadas sucessivas camadas de vernizes transparentes<sup>20</sup>, de forma a conferir às superfícies um aspeto lacado<sup>21</sup>. As cores mais utilizadas nos fundos dos acharoadados portugueses eram o vermelho (“encarnado”) e o preto. A gramática da decoração dourada evocava motivos florais estilizados e cenas orientais<sup>22</sup>.

Os espelhos acharoadados portugueses (Fig. 2) eram produzidos em madeiras nacionais como o pinho<sup>23</sup> o castanho e a nogueira<sup>24</sup>, podendo ser rematados com elementos de talha dourada<sup>25</sup> ou prateada. Quanto às dimensões, para além das atribuições indeterminadas de “marca grande” e “menos tamanho” dos inventários, são referenciados tamanhos como: “sinco palmos de vidro”<sup>26</sup> (110cm), “tres palmos de vidro”<sup>27</sup> (66cm), “de mais de dous palmos de vidro de alto”<sup>28</sup> (> 44cm), “sete palmos vidros de alto e de largo dous e meio”<sup>29</sup> (154\*55cm), e “outo palmos de alto e tres e meio de largo” (176\*77cm)<sup>30</sup>. No que concerne à forma, há falta de uma descrição competente, percebe-se, pelas dimensões recolhidas, que os espelhos acharoadados seriam, essencialmente, retangulares. Porém, terão também existido espelhos com “moldura redonda acharoadada”<sup>31</sup>. Os valores pelos quais eram avaliados, comparativamente aos espelhos flamengos precedentes, são menores<sup>32</sup>.



Fig. 2. Espelho Português barroco em madeira de castanho acharoadada. Século XVIII (inícios) Dim: 0.60x0.30 cm. Fonte: SANDÃO, Arthur de, *O Móvel Pintado em Portugal*, p. 156.

Nas descrições da época, parece ainda evidente que os espelhos acharoados estariam mais vocacionados para ser objetos de adorno do que bens utilitários acessórios. Esta ilação decorre da escassez em se encontrar equivalências de cariz utilitário, como “de vestir”<sup>33</sup> ou “de toucador”<sup>34</sup>. Na larga maioria das fontes, é comum não haver referência ao seu uso, o que de certo modo pode ser encarado como uma tendência dos costumes para classificar os espelhos acharoados como bens de aparato e de adorno<sup>35</sup> - em clara concordância com o gosto dos portugueses pelos objetos de luxo e de fausto orientais, e que se prolongava desde o século XVI<sup>36</sup>.

Apesar de o gosto pelos espelhos acharoados ter declinado a partir de meados do século XVIII, eles continuaram a estar presentes nos interiores portugueses até final da centúria. No entanto, seriam objetos vindos do passado, não se inserindo no gosto e na moda que então imperava. Esta evidência é notória nos baixos valores pelos quais surgem avaliados no final do século<sup>37</sup>.

### 3. Século XVIII

#### 3.1 Estilo Nacional

É a partir do reinado de D. Pedro II (1683-1706), que as artes plásticas e artes decorativas portuguesas rompem definitivamente com a continuidade de soluções tradicionais do século precedente, para se alinharem, à la page, com a modernidade Barroca. No que respeita à arte da Talha, ocorre um ponto de viragem na sua linguagem (a partir de 1670), através da exploração de meios técnicos e de imaginação decorativa, por hábeis mestres de entalhe, de estofos e de douramento. O esforço dessa dinamização evoca formas mais agitadas e sensuais (como as colunas pseudo-salomónicas), exalta uma gramática ornamental luxuriante (de folhas de acanto, flores e aves dispersas pela folhagem), e encena a representação de temas eucarísticos (como cachos de uvas, fénix e pelicanos)<sup>38</sup>, afirmando a originalidade da escultura e do figurino barroco do Estilo Nacional<sup>39</sup>.

No início do século XVIII, os espelhos produzidos em Portugal seguiam de perto esta linguagem decorativa da arte da talha do Barroco Nacional. Como em qualquer retábulo, os espelhos desta época eram produzidos com elaboradas molduras e frontões<sup>40</sup>, decorados com ornamentação de talha dourada de folhas de acanto em espiral (desenhadas segundo a feição dos retábulos e das cercaduras dos painéis de azulejos, seus contemporâneos), combinadas com decorações (por vezes policromada), de flores, aves, conchas e querebins<sup>41</sup> (Fig. 3).

Podiam ter dimensões de “sinco palmos de alto e tres de largo”<sup>42</sup> (110\*66cm), “quatro palmos e meyo de vidro”<sup>43</sup> (99cm), “sinco palmos de vidro” (100cm), “quatro palmos de vidro” (88cm) e “quase quatro palmos de vidro”<sup>44</sup> (cerca de 88cm). Quanto ao seu uso, tal como os espelhos acharoados do século XVII, os espelhos de Estilo Nacional estariam também associados aos objetos de adorno de e aparato. Se nas descrições dos primeiros, era raro haver alusões e/ou equivalências de cariz utilitário, no caso dos segundos, elas são nulas. Além disso, os valores elevados das suas avaliações (na ordem das dezenas e centenas de réis) estão claramente em concordância com a importância monetária atribuída aos bens de luxo e de aparato<sup>45</sup>, o que reforça ainda mais

esta evidência. É ainda de notar que no final do 1º quartel do século XVIII, os espelhos de Estilo Nacional surgem assinalados nos inventários já como “uzados”<sup>46</sup>, situação que nos remete, por um lado, para uma continuidade e preferência da sua utilização na decoração dos interiores portugueses e, por outro lado, para um sinal claro dos novos gostos que se seguiriam.



Fig. 3. Espelhos portugueses de Estilo Nacional século XVIII (início).

3.1 - Espelho em madeira de castanho entalhado. Frontão com enrolamentos laterais de acanto, onde pousam dois pássaros rematados com folha de acanto enrolada. Laterais decoradas com querubins e folhas de acanto. Parte inferior apresenta folhagem de acanto, tendo ao centro um pássaro invertido. Dim: 126.5x76.5 cm. Fonte: Museu de Aveiro, NI: 245/F.

3.1 – Espelho entalhado e dourado, folhas de acanto, pássaros e flores. Frontão com a mesma decoração encimada por um pelicano (1711-1712). Igreja do Espírito Santo de Arcos de Valdevez.

A gramática ornamental dos espelhos de Estilo Nacional parece estar associada ao trabalho de entalhe das molduras dos espelhos produzidos em Inglaterra, a partir do reinado de Carlos II (1660-1685)<sup>47</sup>. Nessa época, o decorador Grinling Gibbons, cria um novo tipo de espelhos ornamentados com requintados trabalhos de entalhe de flores, frutas, cortinas, querubins, grinaldas e temas de caça, tratados com elevada destreza e naturalismo<sup>48</sup>. Eram produzidos em madeira de cedro, abeto ou de tília (madeiras que permitiam pormenores de talhe bastante delicados), e revestidos com materiais preciosos, como o ouro e a prata (Fig. 4.1). No reinado de Guilherme III (1694-1702), o intercâmbio da Inglaterra com o gosto flamengo<sup>49</sup> e a influência do arquiteto e desenhador Daniel Marot<sup>50</sup> na corte inglesa, serão responsáveis por significativas mudanças na conceção dos interiores, sobretudo, na influência dos arquitetos no *design* de mobiliário. No que toca aos espelhos, às feições de intrincados trabalhos de talha e de revestimentos dourados do estilo de Gibbons, sucedem, nos alvares de setecentos, formas de preceitos mais classicistas, de feição mais arquitetural, melhor proporcionados e mais racionais. Ao nível da produção, uma das novidades ocorridas foi a criação

de espelhos revestidos com bordaduras de vidro biselado (espelhado e colorido), circundados por grinaldas de talha dourada<sup>51</sup> e coroados com frontões gravados<sup>52</sup>. Essas bordaduras de *verre eglomisé*, podiam apresentar fundo de cor azul, verde, vermelho ou preto, sendo decoradas com desenhos dourados estilizados, muitas vezes de natureza complexa (Fig. 4.2). Os fabricantes mais conhecidos destes modelos em Inglaterra foram o dourador Jean Pelletier (ativo entre 1690-1710) e o vidreiro John Gumley (ativo entre 1694-1729)<sup>53</sup>. No entanto, a mudança mais significativa, e que se prologaria pelo reinado da Rainha Ana (1702-1707) e de Jorge I (1714-1727), foi a aplicação de folheados e marchetaria de madeiras como a nogueira, oliveira e madeira de coqueiro<sup>54</sup> no revestimento de molduras, relegando-se o douramento escultórico<sup>55</sup> para o remate das extremidades e dos coroa-mentos com frontões interrompidos (Fig. 4.3).



Fig. 4. Espelhos Ingleses, século XVII (finais) e século XVIII (inícios).

- 4.1 – Espelho em talha dourada com querubons e folhas de acanto. Grinling Gibbons, 1685. Fonte: COLERIDGE, A., “England 1660-1715”, in *World Furniture*, Coord Helena Hayward, Córdova, The Hamlyn Group Limited 1965, pp. 89.
- 4.2 – Espelho com moldura em vidro “eglomisé” azul, frontão em talha prateada, 1690. Dim: 234x88 cm. Fonte: Victoria and Albert Museum, Londres. NA: W.27:1 to 4-1954.
- 4.3- Espelho inglês estilo Queen Anne, revestido com gesso dourado e folha de nogueira, 1720. Dim: 172x75. Fonte: Metropolitan Museum of Art, Nova York, NA: 64.101.1002.

A exportação de espelhos ingleses para Portugal e a influência da sua gramática ornamental na produção nacional terá ocorrido logo após a restauração da independência, em 1640<sup>56</sup>. Entre outras razões, concorreram nesse processo quer o estabelecimento de mercadores e comerciantes britânicos no Porto e em Lisboa, quer o regresso da Rainha D. Catarina de Bragança<sup>57</sup> a Portugal, em 1693, cujos bens ingleses exerceram uma influência marcante no mobiliário português, tanto na corte, como nas classes mais altas<sup>58</sup>. O Tratado de Methuen, celebrado entre Portugal e a Inglaterra, em 1703, aprofundou ainda mais as relações comerciais entre os dois países, tornando-se ainda mais evidente a ascendência do mobiliário inglês na produção de mobiliário nacional<sup>59</sup>.

Relativamente ao comércio de vidro espelhado, a referência a “feitos no norte”, comum nos documentos da época, significa que a matéria-prima tem a sua origem em Inglaterra<sup>60</sup>. Apesar disso, esta situação não invalida que muitos bens em vidro espelhado, não fossem importados dos portos ingleses<sup>61</sup>. Por exemplo, em 1721, a Venerável Ordem Terceira de São Francisco no Porto, recebia um par de espelhos novos, importados de Inglaterra, para substituir os que haviam sido adquiridos, em 1689, na mesma cidade<sup>62</sup>.

Nos inventários estudados é possível identificar referências a espelhos ingleses exportados para Portugal, entre finais do século XVII e inícios do século XVIII, nas menções a: “Hum espelho de sinco palmos de vidro em que entra o da grinalda com molduras estreitas de nogueira feito no norte...”<sup>63</sup> e de “...dous espelhos feitos no norte de dous vidros cada hum de mais de sete palmos de alto molduras estreitas de folha de raiz de oliveira frizos e conchas douradas...”<sup>64</sup>. As dimensões destes espelhos eram na ordem dos “sinco palmos de vidro” (110cm) e de “mais de sete palmos de alto” (> 154cm). Do mesmo modo, é também possível reconhecer os espelhos ingleses com cercaduras de vidro, nas descrições de “dous espelhos de mais de trez palmos de vidro cada hum com suas molduras de vidro lavrado azul e branco com cercadura de talha dourada e nos remattes huma flor...”,<sup>65</sup> e de “Dous espelhos de sinco palmos de vidro ao alto com simalha do mesmo vidro com moldura do mesmo adiantado e moldura de talha dourada...”<sup>66</sup>. Quanto às dimensões, estes espelhos podiam ter tamanhos como: “de mais de quatro palmos de alto” (> 88cm), “de mais de trez palmos de vidro” (> 66cm), “trez palmos de meyo” (77cm), “quarto p’almos e meyo de vidro”<sup>67</sup> (99cm), e “mais de dous palmos de vidro”<sup>68</sup> (> 44cm). Os espelhos ingleses de vidro *egломisé* terão permanecido nos interiores portugueses até finais da centúria. Porém, nos finais do século, eram já bens com muito “uso”, refletindo-se esse facto no seu estado de conservação, ao serem descritos “com suas manchas”<sup>69</sup>.

Apesar de ambos os modelos serem bens importados, observa-se que os modelos com emolduramentos em vidro são bens de valor monetário superior aos espelhos com molduras em madeira. Na sua maioria, os primeiros, são avaliados por valores médios na ordem (e superior) a “cem mil reiz”<sup>70</sup>, ao passo que, os segundos, as importâncias estimadas eram na ordem dos 7000 réis<sup>71</sup>. Além disso, não se encontraram nas descrições, de ambos os modelos, alusões de cariz utilitário, podendo-se depreender que as suas funções estariam ligadas ao serviço de adorno e de aparato.

### 3.2 D. João V (1706-50)

A evolução da arte da Talha em Portugal desenha-se, a partir de 1720, no sentido de um novo carácter, mais dinâmico e arquitetural, desenvolvido à luz do franco-italianismo cortesão de D. João V. Este novo gosto, iria afogar a miúda e efusiva estrutura decorativa da talha de Estilo Nacional, num novo programa cenográfico (de cortinas, sanefas e baldaquinos) e numa nova gramática escultórica (de conchas, grinaldas, festões, leques de plumas, querubins alados, atlantes etc.), bem mais heterogéneos que os enrolamentos acânticos, as fénix e os temas eucarísticos, tão apreciados pelo gosto anterior<sup>72</sup>.

Este movimento de renovação tira partido, por um lado, do ambiente de pacificação e riqueza do país e, por outro lado, do surto de arquitetos, pintores-cenógrafos, decoradores, escultores, desenhadores e marceneiros estrangeiros<sup>73</sup> que demandam Portugal, abrindo o país ao vocabulário do Barroco internacional. Paralelamente, assiste-se a uma atualização da informação artística e dos critérios de exigência, levando à importação maciça de tratados, gravuras e maquetes que proporcionariam aos artistas portugueses (pese embora as naturais interpretações de vincado sotaque local), uma rápida familiarização com o barroco erudito europeu<sup>74</sup>. É dessa forma que chegam a Portugal, entre outros, os desenhos de espelhos do italiano Filippo Passarini<sup>75</sup> (Fig. 5), compilados no tratado *Nuovi Ivenzioni*, publicado em Roma, em 1698, e o repertório decorativo do francês Jean Berain, publicados em França, nos finais do século XVII<sup>76</sup> (Fig. 7.2).

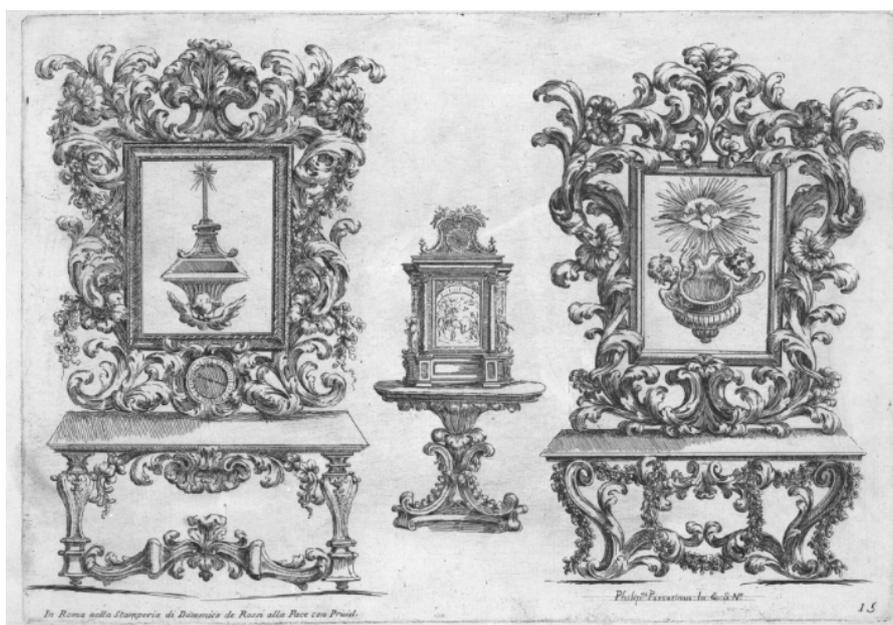


Fig. 5. Desenho 15 de Filippo Passarini no tratado *Nuove Invenzione*, publicado em Roma em 1698.

Os espelhos de molduras entalhadas e douradas produzidos em Portugal, a partir do 1º quartel do século XVIII, continuaram a ser decorados com uma gramática ornamental que combinava folhas de acanto com aves e às vezes querubins, muito próxima dos modelos anteriores de Estilo Nacional. Porém, observa-se uma maior leveza na decoração escultórica e no volume do espaçamento do entalhe nas molduras, e uma modelação menos incisiva do enrolamento em espiral das folhas de acanto (Fig. 6.2). Os frontões, quando aparecem, apresentam um entalhe menos compacto (e mais aberto) e uma proeminência mais delicada e suave com a totalidade da composição. Ao nível da gramática escultórica, as grinaldas, as meias figuras e as plumas, aparecem em substituição de alguns dos elementos de cariz mais litúrgico, como as aves e os cachos de uvas (Fig. 6.1).



Fig. 6. Espelhos barrocos portugueses, século XVIII (1º metade), atribuíveis à interpretação dos desenhos de Filippo Passarini.

- 6.1 – Espelho em talha, vazada e dourada de folhagem e flores. Dim: 142x109cm. Fonte: Lote 41, Catálogo de Antiquidades 12, 2017, Antiquidades São Roque, Lisboa.
- 6.2 – Espelho em talha dourada com flores plumas e folhas (1734). Trabalho atribuível a Nicolau Nasoni (1691-1773). Sacristia da Sé do Porto.

No entanto, novas evoluções se desenvolvem na Talha portuguesa, em particular, na ornamentação. As plumas e as folhas de acanto volumosas, inspiradas nos modelos italianos de Passarini, são substituídas, progressivamente, por decorações de pequenos desenhos lineares de galhos, ramagens, arabescos, volutas complexas, conchas em forma de pétala, máscaras femininas (Fig. 7.1), patas e cabeças de leão (Fig. 7.4). Esta ornamentação, característica da regência francesa<sup>77</sup> e associada aos desenhos de Berain<sup>78</sup>, começa a ser incorporadas na arte da Talha retabulística joaninas, e por conseguinte, também nas molduras de espelhos.

Uma evidencia formal dos espelhos deste período, era a aplicação e/ou o entalhe de elementos decorativos em molduras leves e com perfis de simples recortes geométricos<sup>79</sup>. Ao entalhe volumoso e de alto-relevo sobrepõem-se um trabalho de entalhe mais suave e em baixo relevo (Fig. 7.1). Máscaras, conchas, festões e motivos vegetalistas, começam a aparecer colocados de forma simétrica na composição das molduras. Em alguns casos, e tal como em modelos franceses<sup>80</sup>, os cantos das molduras são realizados à “grega” (Fig. 7.3). Quanto ao revestimento, além da folha metálica dourada, os espelhos joaninos podiam apresentar modalidades pictóricas quer de pintura monocromática, quer de marmoreados, quer de acharoados, sendo certo que o gosto dos locais aos quais os espelhos se destinavam, seriam determinantes nas opções de revestimento<sup>81</sup> (Fig. 7.5 - 6).

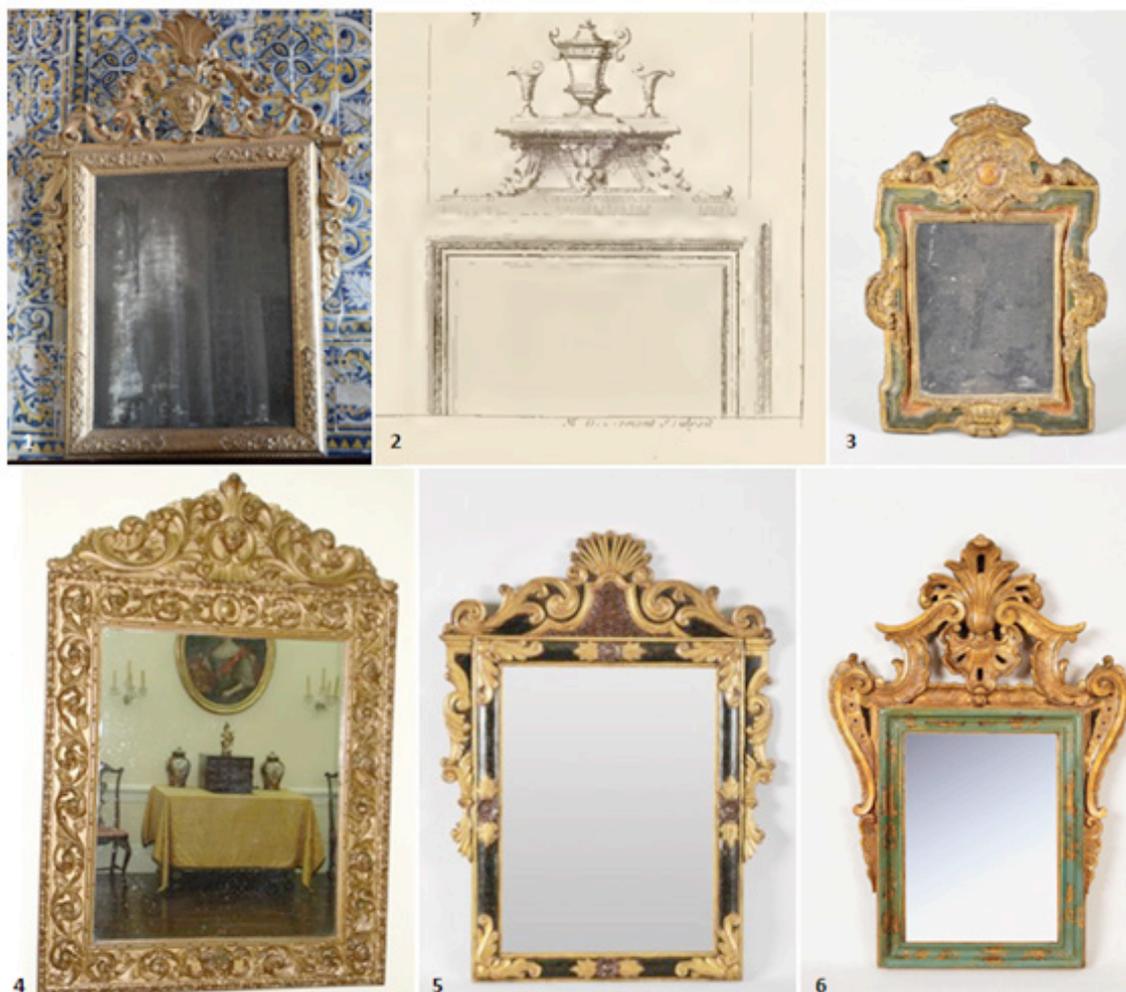


Fig. 7. Espelhos D. João V, século XVIII (1º metade).

7.1 – Espelho D. João V, dourado e entalhado com ramagens na moldura, festões nas laterais. Frontão com volutas e escudo central preenchido com meia figura (espagnolette).  
Dim: 120x70 cm. Fonte: Sacristia da Sé de Viseu (1736).

7.2- Desenho 45 do catálogo de Jean Berain. Fonte: *Ornemens Inuentez por J. Berain Et sevendent Chez Monsiuer Thuret Aux Galleries du Louvre Avez Pruvilege du Roy*, (século XVIII, inícios).

7.3- Espelho D. João V, moldura entalhada, marmoreada e dourada. Dim: 56 x 40 cm. Fonte: Lote 146, Leilão 106, Cabral Moncada Leilões, 11 de Maio 2009, Lisboa.

7.4 – Espelho D. João V, madeira entalhada e dourada. Filetes laterais entalhados, moldura preenchida com folhas de acanto e pequenas flores. Medalhão liso, no segmento superior, entalhe de cabeça de leão no segmento oposto, inferior. Frontão triangular de folhas e flores envolvendo cabeça de *querubim*. Dim: 95x82x4.5cm. Fonte: Museu dos Biscainhos, Braga.  
NI: 1189MB.

7.5- Espelho D. João V, moldura entalhada, pintada e dourada. Dim. - 110 x 82 cm. Fonte: Lote 516, Leilão 128, Cabral Moncada Leilões, 30, 31 de Maio e 1 de Junho de 2011, Lisboa.

7.6- Espelho D. João V, moldura em casquinha entalhada, pintada e dourada. Dim. - 74 x 53 cm. Fonte: Lote 235, Leilão 122, Cabral Moncada Leilões, 15, 16 e 17 de Novembro de 2010, Lisboa.

Nas descrições da época, é vulgar os espelhos joaninos serem descritos como “de vestir”<sup>82</sup>, podendo-se considerar que, estando estes objetos destina-

dos ao serviço de *toilette*, muitos deles teriam uma dimensão reduzida<sup>83</sup>. É também por esta altura que os espelhos começam a ter associados bens acessórios, como credencias, luminárias<sup>84</sup> e tocheiros<sup>85</sup>, costume que se tornará mais evidente já sob o signo do Rococó<sup>86</sup>. Nos valores pelos quais eram avaliados, os espelhos joaninos alcançavam um valor médio de 5000 réis. Esta importância, relativamente baixa para a época, não deixa de ser, por outro lado, revelador da maior oferta no mercado português de matérias-primas, particularmente, de vidro espelhado, que começa a ser produzido, em 1719, na Real Fábrica de Vidros de Coima<sup>87</sup>.

### 3.3 D. José (1750-70)

No reinado de D. José ocorrem novas transformações no mobiliário português. Nessa mudança, de carácter mais subtil, o mobiliário depura-se do excesso de volume de talha, passando a ter uma execução mais delicada, própria da fase final do Barroco<sup>88</sup>. Ao nível da produção de espelhos, às influências decorativas de Passarini e Berain, adotadas no 2º quartel da centúria, sucede a moda e o gosto pelo rococó anglo-francês<sup>89</sup>. A constância que a exportação de espelhos ingleses manteve para território nacional, entre os anos 1700 e 1751<sup>90</sup>, esteve na origem da chegada a Portugal quer de objetos (Fig. 8), quer de catálogos de desenhadores e entalhadores importantes na introdução do rococó francês em Inglaterra (e no seu desenvolvimento na produção de espelhos e luminárias), como Matthias Lock e Thomas Johnson.



Fig. 8. Espelhos ingleses importados, século XVIII (2º metade).

8.1 – Espelho inglês, Sacristia de São Martinho de Tibães, Braga (1754).

8.2 – Espelho inglês, Igreja de São Nicolau, Porto. Fonte: VALENTE, M., A., N., “Matrizes Inglesas no Mobiliário Português da Segunda Metade do Século XVIII”, Tese apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de Doutor em Estudos do Património, 2014, Volume II, pp. 219-220, <http://hdl.handle.net/10400.14/15771> (acesso a 02/03/2021)

Matthias Lock publica, em 1744, um conjunto de desenhos de espelhos no catálogo *Six Sconces*, onde as soluções decorativas do rococó francês são interpretadas com uma nova liberdade em habilidosos trabalhos de entalhe de pergaminhos em “C”, flores, máscaras, pássaros e dragões alados, entrelaçados em ornamentação vegetalista ondulante, delicada e suave. Mais tarde, em 1752, Lock, em colaboração com Copland, publicam um novo catálogo, *A New Book of Ornaments*<sup>91</sup>. Entre outras tipologias de mobiliário, surgem 12 desenhos de espelhos onde pela primeira vez, a ornamentação de *chinoiserie*, começa a ser tema do trabalho escultórico de molduras, surgindo todo um imaginário oriental de aves, pagodes, sinos e entrelaçados vegetalistas de temática Oriental (Fig. 9.a,b,c,d).

Thomas Johnson, apesar de ter iniciado o tratamento decorativo no gosto rococó em luminárias (publicado, em 1755, no catálogo *Twelve Gerandoles*), é entre 1756 e 1757, que irá desenvolver todo um reportório de decoração rococó entalhada em mobiliário e que será publicada, em 1758, no catálogo *One Hundred and Fifty New Designs* – ocorrendo uma segunda edição em 1761<sup>92</sup>. Entre a ornamentação entalhada encontram-se cenas rústicas, figuras de camponeses, bobos ou personagens orientais, animais, pássaros, máscaras, fontes, golfinhos e querubins. Estes elementos surgiam entre as ramagens e a vegetação rítmica dos entalhes de molduras de espelhos, ou nos entrelaçados de tocheiros. A decoração desenvolvida por Johnson, apresentava uma abordagem mais ousada e cintilante, muito diferente das formas gentis e flácidas do trabalho de Lock, tendo a sua vitalidade inspirado a última fase do rococó inglês (Fig. 9.e,f). Um outro aspeto importante na produção de mobiliário de gosto rococó em Inglaterra, foi a valorização que, por volta de meados do século XVIII, começou a ser dada à madeira de mogno, importada de Cuba e de São Domingos (e mais tarde das Honduras), tendo-se tornado uma mais-valia que enobrecia a produção de espelhos, devido às suas potencialidades de entalhe e pelas novas soluções de folheados que essa essência possibilitava<sup>93</sup>.

Todavia, a influência mais marcante na produção de espelhos em Portugal no reinado de D. José, foi a preponderância das soluções formais e decorativas divulgadas no *The Gentleman and Cabinet Maker's Director*, publicado em 1754, em Londres, por Thomas Chippendale. A originalidade do *Director* residia no facto de ser o primeiro catálogo, publicado na época, inteiramente dedicado à aplicação da ornamentação rococó em objetos de mobiliário. No entanto, a sua verdadeira novidade foi a compilação, numa única obra, dos desenhos e experiências decorativas (então na moda), de desenhadores, marceneiros, escultores e decoradores seus contemporâneos<sup>94</sup>. Deste modo, parece claro que a designação generalista de Estilo Chippendale, para descrever o mobiliário rococó inglês, apenas quererá significar o mobiliário produzido segundo os desenhos publicados no *Director* - e não as criações do próprio autor<sup>95</sup>. Assim, e em rigor, os desenhos dos espelhos compilados no *Director*, deverão ser atribuídos a Matthew Darly, dado ser a quem no *Director* são atribuídos os desenhos dos modelos de espelhos compilados<sup>96</sup> (Fig. 9.g,h,i,j).

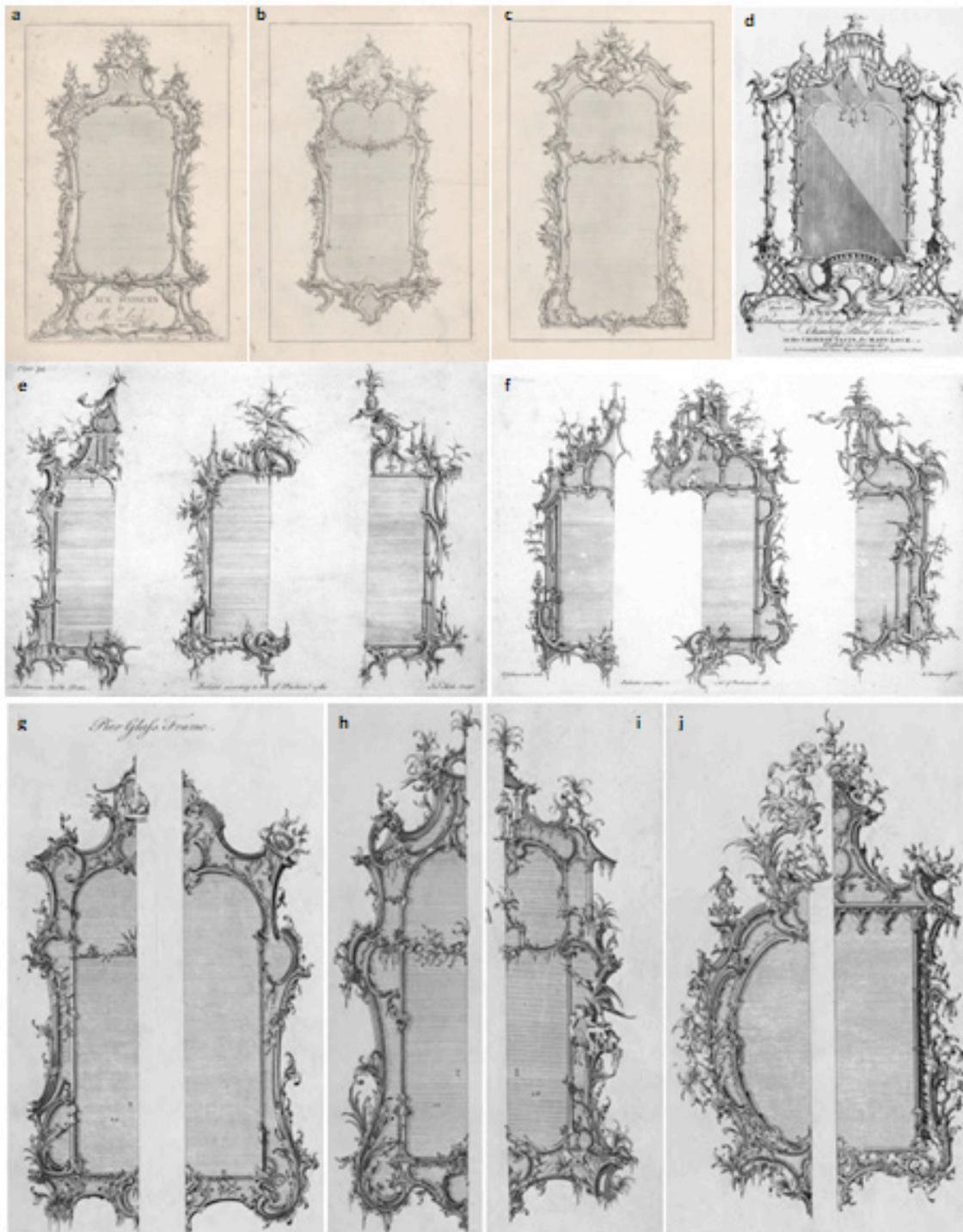


Fig. 9. Modelos de espelhos ingleses. Século XVIII (2º metade).

9.a,b,c. – Matthias Lock, Catálogo *Six Sconces*, 1744.

9.d – Lock e Copland, Catálogo *A New Book of Ornaments*, 1752.

9. e, f. – Thomas Johnson, Catálogo *One Hundred and Fifty New Designs*, 1761.

9.g,h,i,j.- Thomas Chippendale, *Director*, 1754.

Apesar de ter sido certa a exportação para Portugal dos espelhos então em voga em Inglaterra, parece igualmente certo que os modelos saídos das oficinas inglesas dedicadas à produção em série e a preços mais económicos<sup>97</sup>, terão sido os mais significativos no mercado português<sup>98</sup>, exercendo estes modelos influência maior na produção de espelhos nacional, no 3º quartel do sé-

culo XVIII<sup>99</sup> (Fig. 12.1, 2, 3). Esta circunstância mostra-se evidente quando se observam, além das semelhanças com os exemplares ingleses de início do século (Fig. 4.3), as similitudes da produção nacional da época com os modelos ingleses de baixo custo e/ou dedicada à exportação, reproduzidos em catálogos e etiquetas publicitárias contemporâneas (Fig. 10.1 e 10.2).

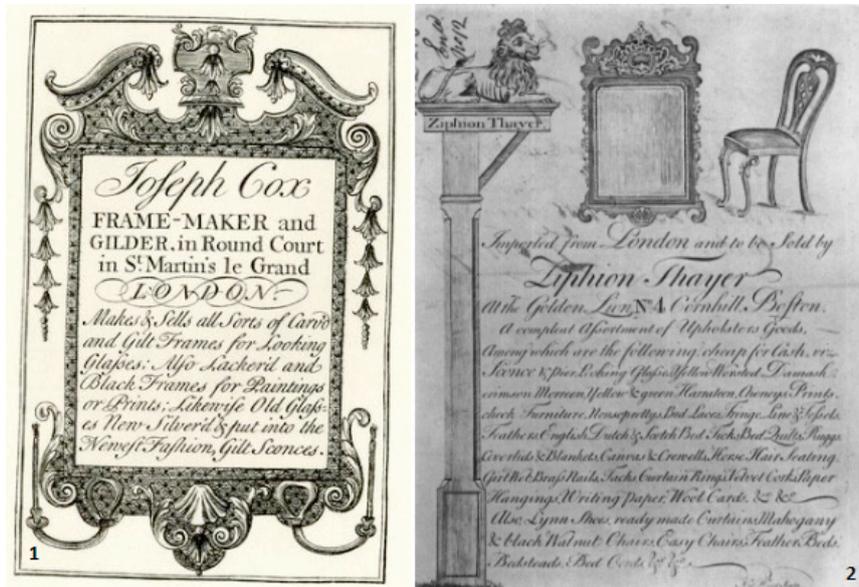


Fig. 10. Rótulos/Vinhetas publicitárias, século XVIII.

10.1- Vinheta publicitária, Joseph Cox<sup>100</sup>, Londres, século XVIII (2º metade).

10.2- Vinheta publicitária do importador de mobiliário europeu Ziphion Thayer. Século XVIII (finais). Boston.

Como exemplares da transição do estilo Barroco para o Rococó em Portugal, são o par de espelhos que se encontram na Sacristia da Igreja da Madre de Deus, em Xabregas, Lisboa, datados de 1753 (Fig. 11). Estes espelhos, de molduras em pau-santo, apresentam, no fundo e no topo, uma decoração entalhada e dourada, de forma assimétrica e incisa, de flores, folhas e volutas<sup>101</sup>.



Fig. 11. Par de Espelhos, Sacristia da Igreja da Madre Deus, Xabregas, Lisboa (1753).

À parte destes exemplos singulares de transição, e sempre que não é possível observar influências de interpretações locais a inspirar a decoração<sup>102</sup>, os espelhos produzidos em Portugal, no tempo de D. José, remetem, a nível formal, para os modelos Queen Anne feitos com molduras em pinho revestidas de folha de madeira (ou imitações pintadas)<sup>103</sup> de noqueira<sup>104</sup>, pau-santo e ébano (Fig. 12.1-2). Todavia, a nível decorativo, tanto as soluções como o emprego, seguem as propostas do rococó inglês, principalmente, na aplicação da mesma gramática decorativa (embora mais simplificada), no coroamento de frontões cortados com plumas, grinaldas de flores, estalactites (Fig. 12.4) e volutas em “S” salientes. Os remates eram entalhados de cercaduras de flores e ramalhetes. Todos estes elementos decorativos são revestidos de folha metálica dourada, solução que potencia a luminosidade das composições, através dos jogos de luz e de brilho com a superfície de madeira. A par deste modelo, eram também produzidos espelhos inteiramente revestidos com folha metálica, já mais próximos dos exemplares ingleses de estilo rococó<sup>105</sup>(Fig. 12.5). Todavia, nas produções de vincado sotaque local, nota-se ainda alguma ascendência do rococó francês, especialmente, no entalhe de volutas em “C”, nas séries de aberturas irregulares de conchas e plumas, e na aplicação destes elementos nos cantos das molduras<sup>106</sup> (Fig. 12.6).

Os espelhos portugueses desta época, surgem com dimensões de “cinco palmos de alto e tres e meio de largo” (110\*55cm), “de sinco palmos de alto” (110cm), “de alto mais de seis palmos, menos de tres de largo” (> 132\* <66cm), “de alto sinco palmos e dois de largo” (110\*44cm), “de alto menos de oito palmos” (<176cm), e “dois vidros de largo”. Destas medidas verifica-se que as dimensões “de cinco palmos de alto”<sup>107</sup> (110cm), “de alto mais seis palmos”<sup>108</sup> (> 132cm) e “de alto menos de oito palmos”<sup>109</sup> (<176cm), são medidas que se repetem dentro dos modelos produzidos no 3º quartel do século XVIII, quer no mesmo inventário, quer em diferentes avaliações (com poucos anos de diferença). Se no caso das dimensões que se repetem no mesmo inventário, o mais provável é que correspondam a espelhos feitos aos pares (Fig. 12.3), nos outros casos, esta evidência poderá associar-se uma standardização da produção da época, reflexo do incremento industrial do tempo do Marquês de Pombal, que levava à abertura de diversas unidades fabris pelo país<sup>110</sup>.

Os espelhos de gosto rococó ter-se-ão mantido nos interiores portugueses até ao final do século – e inícios do seguinte. Porém, no final da centúria, estes modelos apresentam-se já bastante degradados, surgindo descritos nos inventários como “menxados”, “uzado” e “com bastante uso”. O valor médio que lhes era atribuído nessa época era na ordem dos 4000 réis.



Fig. 12. Espelhos portugueses D. José, século XVIII (3º quartel).

12.1- Espelho D. José, moldura recortada e decorada com entalhamentos dourados. Dim:

123x60. Fonte: Museu Nacional Machado de Castro, Coimbra. NI: 8039;M340.

12.2- Espelho D. José, moldura decorada com motivo rocaill, entalhados e vasados. Dim:  
87.5x43.5 cm. Museu de Évora. NI: ME 3066.

12.3- Par de espelhos D. José, madeira de pau-santo entalhada e vazada; decoração de concheados, motivos vegetalistas e enrolamentos. Dim: 145x45. Fonte: Lote 205, Leilão 96, Leiloeira São Domingos, Porto, 2/06/2020.

12.4- Espelho D. José, madeira de castanho revestida com folheado de pau-santo e talha dourada. Dim: 93x51 cm. Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa. NI: 296.

12.5- Espelho D. José, moldura em madeira entalhada e dourada “Pássaros”. Dim: 117x68 cm. Fonte: Lote 173, Leilão 205, Cabral Moncada Leilões, Lisboa, 29 de Junho de 2020.

12.6- Espelho D. José (par), em madeira entalhada e dourada (1768). Fonte: Igreja da Misericórdia de Viana do Castelo.

### 3.4 D. Maria I (1777-1815)

No reinado de D. Maria I a produção nacional de espelhos continua a seguir o gosto que vinha de Inglaterra<sup>111</sup>. Por esta altura, o Classicismo fazia a moda na Grã-Bretanha, sobretudo, pelas renovações de interiores realizadas pelo arquiteto Robert Adam. Em 1777, juntamente com o seu irmão, publicam a obra *The Works in Architecture of Robert and James Adam*, onde são com-

piladas várias soluções de decoração de interiores em Estilo Neo-Classico<sup>112</sup>, e centenas de desenhos de artes decorativas e de mobiliário<sup>113</sup>. Entre estes últimos, os desenhos de espelhos serão provavelmente a tipologia mais numerosa, enquadrando-se em três modelos principais. Os primeiros, ainda de uma fase muito inicial da carreira de Adam (década de 1760), eram espelhos desenhados na “vertical”, apresentando molduras planas decoradas com folhagens estilizadas e ornamentos clássicos. Durante a década de 1770, desenvolveu um segundo modelo de espelho de forma oval, decorado com cercaduras de grinaldas, figuras femininas, esfinges e grifos, sendo coroados por urnas, vasos de flores ou medalhões. No final da sua carreira (década de 1780), criou um terceiro tipo de espelho, em que o grande vidro central, às vezes com a parte superior arqueada, era flanqueado por dois vidros verticais estreitos. Toda a estrutura era ladeada por molduras delgadas e delicadas, decoradas com folhagem estilizada<sup>114</sup> (Fig.13).

A procura por catálogos de mobiliário desenhados no novo estilo introduzido por Adam terá sido enorme, em Inglaterra, nesta época. Dessa necessidade, em 1788, é publicado o *The Cabinet-Maker and Upholsterer's Guide*, do marceneiro George Hepplewhite<sup>115</sup>. Este catálogo teve um enorme sucesso e procura, devido à enorme quantidade de desenhos de mobiliário de cariz doméstico publicado. O evento do *Guide*, de Hepplewhite, esteve na origem de passado poucos anos, entre 1791 e 1794, Thomas Sheraton publica-se o *Cabinet-Maker and Upholsterer's Drawing Book* (em quatro fascículos), onde eram compilados 113 desenhos de objetos de mobiliário em estilo Neo-Classico. No que toca a espelhos, Hepplewhite continuou com os modelos ovais e retangulares e com a decoração introduzida por Adam - embora com as molduras ainda mais esguias e delicadas<sup>116</sup>. Thomas Sheraton não introduziu qualquer modelo na sua publicação<sup>117</sup>.



Fig. 13. Modelos dos espelhos de Robert Adam. Século XVIII (último quartel)

A transição do estilo Rococó para o Neo-Classico na produção de espelhos em Portugal, introduziu significativas mudanças, ao nível formal e decorativo, nos exemplares da época. Às antigas gramáticas decorativas de fantasiosas linhas de contornos incertos (e assimétricos), simulando folhas enroladas, conchas, volutas disformes (e em “C”), festões e flores, sobrepõem-se novos elementos de gosto clássico como encordoados, grinaldas, espigas, flores em boca-de-sino, conchas elaboradas, folhas de palmeira, rolos de folhas

e galhos estilizados. A coroar os frontões cortados surgiam agora vasos, urnas e aves<sup>118</sup>, assentes em bases decoradas com canelados ou pintura sobre tela emoldurada (Fig. 14.2-3)<sup>119</sup>. Esta última solução decorativa tem origem nos remates dos tremós de gosto francês<sup>120</sup>, e mostra como certos elementos decorativos do período anterior ainda se mantiveram nos modelos dos espelhos neo-clássicos portugueses<sup>121</sup> (Fig. 14 e 15).



Fig. 14. Espelhos portugueses D. Maria século XVIII (último quartel).

- 14.1- Espelho D. Maria dourado, remate com vaso cordiforme com um ramo de flores. Dim: 122x108 cm. Fonte: Fundação Eng. António de Almeida, Porto, NI: 170.
- 14.2- Espelho D. Maria, casquinha entalhada e folheada a ouro, arredondado na parte superior. Dim: 197x97 cm. Fonte: Palácio Nacional de Queluz. NI: PNQ 162A/1.
- 14.3 – Espelho D. Maria, castanho entalhado e dourado, pintura a têmpera sobre tela com paisagem. Dim: 98x41 cm. Fonte: Fundação Eng. António de Almeida, Porto, NI: 240.
- 14.4- Espelho de inspiração neoclássica, decorado com uma sobreposição de motivos entalhados, vazados e dourados. Dim: 163x67 cm. Fonte: Museu dos Biscainhos, Braga, NI: 765MB.

A nível formal, além da feição quadrada<sup>122</sup> e retangular, começam a fazer moda os espelhos redondos e ovais<sup>123</sup> (Fig. 15.1-4). Quanto ao material lenhoso, continua a utilização da madeira de pinho e de madeiras nobres como o “evano”<sup>124</sup>, o pau-preto e amarelo. No revestimento das molduras mantém-se o trabalho de douramento, a aplicação de folheados de madeira (Fig.14.4) e renova-se o trabalho cromático<sup>125</sup>, certamente já não de decoração acharoadada policromada, mas de revestimentos monocromáticos de cores como o branco, o azul<sup>126</sup>, o cinzento<sup>127</sup> e de “cor perala” (Fig. 15.3).

Relativamente às dimensões, os espelhos deste período apresentam tamanhos genéricos como “piqueno” e “grandes”<sup>128</sup>. Além desta terminologia indefinida, é possível identificar espelhos de “seis palmos de alto” (132cm), “faz de vidro dois palmos e tres quartos de alto e dois de largo” (50\*16.5cm), “faz de vidro sete palmos de alto e quatro de largo” (154\*88cm), e “outo palmos de alto e tres e meio de largo” (176\*77cm)<sup>129</sup>. Estas dimensões são superiores às dos espelhos anteriores, o que de alguma forma indica a importância que os espelhos começavam a ter na composição da casa. Por outro lado, a designação

que se encontra nos inventários de espelhos “grandes de parede”, confirma ainda mais a tendência para a crescente utilização de espelhos na decoração dos espaços domésticos. É também nesta fase que surgem os espelhos embutidos na *boiserie* das paredes<sup>130</sup>, solução que em Portugal nunca tinha existido, devido à utilização de lambris de azulejos a revestir as paredes até muito tarde<sup>131</sup>. Este novo enquadramento mental relativo às dimensões dos espelhos, reflete-se também na sua função utilitária nos serviços de *toilette*, aparecendo a designação de “espelho grande de toucador”<sup>132</sup>.



Fig. 15. Espelhos portugueses D. Maria século XVIII (último quartel).

- 15.1- Espelho oval em casquinha entalhada e dourada. Dim: 157x80 cm. Fonte: Palácio Nacional de Queluz. NI: PNQ 1378/2.
- 15.2 – Espelho D. Maria, oval em madeira de casquinha (?) folheada a ouro. Dim: 270x125 cm. Fonte: Palácio Nacional de Queluz. NI: PNQ 163/1.
- 15.3 – Espelho D. Maria, de forma retangular, em madeira entalhada, pintada e folheada a ouro. Dim: 224x118 cm. Fonte: Palácio Nacional de Queluz. NI: PNQ 161A/1.
- 15.4- Espelho D. Maria, oval percorrido, interiormente, por filete de contas. Dim: 200x98 cm. Fonte: Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, Lisboa. NI: CMAG 749.

O aumento das dimensões dos espelhos de gosto Neo-Classico repercute-se nos valores de avaliação. À exceção dos modelos redondos e ovalados, que atingem um valor médio de 2000 réis, os restantes modelos (quadrados e retangulares), são avaliados por valores médios de 15000 réis.

#### 4. Considerações finais

Identificar os modelos dos espelhos realmente presentes em Portugal entre os séculos XVII e XVIII, caracterizar os seus elementos físicos e estéticos, levantar as suas influências estilísticas e geográficas, e retratar o seu uso nos espaços domésticos, foi o que nos propusemos estudar pela análise de um conjunto de inventários orfanológicos - cerca de vinte e seis inventários, correspondentes a mais de setenta modelos de espelhos -, inseridos dentro do período em questão. Dessa análise, é importante sistematizar algumas ideias.

Nos dados dos inventários, ficou claro que a utilização do espelho nos interiores portugueses, parece ter sido mais extemporânea e habitual na composição dos espaços que a desvalorização que lhe vem sendo atribuída - não só

na decoração dos espaços habitacionais, mas também nos religiosos, nomeadamente, as sacristias. Entre os séculos XVII e XVIII, apesar da produção nacional, chegaram a Portugal espelhos, maioritariamente, oriundos do norte da Europa em particular, da Flandres e da Inglaterra. Os modelos ingleses, no século XVIII, terão influenciado de forma significativa a produção nacional e as mudanças de gosto durante a centúria. Os revestimentos acharoados nas molduras dos espelhos nacionais terá sido significativa, tendo permanecido o gosto por esta decoração até finais do século XVIII. Os espelhos produzidos com molduras de talha dourada de Estilo Nacional e Joanina parecem ter deixado de estar em voga, a partir de meados do século XVIII. Apesar de ter ficado demonstrado a utilização precoce do espelho nos interiores portugueses, ficou também evidente que o maior consumo, difusão, disponibilidade e variedade formal e estética, ocorreu apenas a partir da segunda metade do século XVIII – prolongado-se nos séculos seguintes até à atualidade.

Enquanto tema de investigação, o espelho não se tem constituído tópico de pesquisa diferenciada por parte daqueles que se dedicam ao estudo do mobiliário em Portugal. Na maioria, as referências aos espelhos surgem apenas localizadas em secções acessórias ligadas a compilações sobre o mobiliário em Portugal, sendo poucas as referências dedicadas, exclusivamente, ao seu estudo ou que distingam a sua tipologia (e os seus modelos), no estudo da história do mobiliário português. Nesse sentido, considera-se que esta análise vem contribuir para colmatar uma lacuna existente a respeito de um estudo individualizado, mas abrangente, acerca dos diferentes aspetos que concorreram na caracterização dos espelhos, entre os séculos XVII e XVIII, em Portugal.

## NOTAS

<sup>1</sup> M., C., B. De Sousa, C. Basto, *Normas de Inventário, Mobiliário, Artes Plásticas e Artes Decorativas* (I.P.M., Maio 2004) 53.

<sup>2</sup> [Inventários \(acasasenhorial.org\)](http://Inventarios.acasasenhorial.org) (acesso a 24/11/2020)

<sup>3</sup> R., S. Clouston, “Eighteenth-Century Mirrors,” in *The Burlington Magazine for Connoisseurs* Vol. 9, Nº 37, (Abril 1906): 39-4.

<sup>4</sup> Podendo assim os Salões adquirir a graça de um caleidoscópio.

<sup>5</sup> C. Franco, *O Mobiliário das Elites de Lisboa na segunda metade do século XVIII* (Lisboa: Livros Horizonte, 2007), 125-129.

<sup>6</sup> C. Bastos, “O Mobiliário na Pragmática de 1609” in *O Luxo na Região do Porto ao Tempo de Filipe II de Portugal (1610)*, Coord. Gonçalo Vasconcelos e Sousa (Porto, U.C.E., 2002), 74.

<sup>7</sup> P. Dias, “Portugal e a Arte Flamenga na Época dos Descobrimentos” in *No Tempo das Feitórias A Arte Portuguesa na Época dos Descobrimentos*, Vol 1 (Lisboa, M.N.A.A., 1992), 111.

<sup>8</sup> [Mackinnon Fine Furniture](http://MackinnonFineFurniture.com), “The Precious Pear: A History of Pearwood Furniture,” [The Precious Pear: A History of Pearwood Furniture | The Source \(wordpress.com\)](http://ThePreciousPear.com) (acesso a 30/11/2020)

<sup>9</sup> S. Roche, , *Miroirs, Galeries et Cabinets de Glaces* (Paris, Paul Hartmann Éditeur, 1956), 38.

<sup>10</sup> A.N.T.T., Inventários Orfanológicos, Processo de Francisco Rodrigues Quinteiro, 1672, Letra F, Maço 120 (A), Nº 1, fl. 10v.

<sup>11</sup> A.N.T.T., Inventários Orfanológicos, Processo do Conde de Vila Pouca de Aguiar, 1692, Letra A, Maço 306, nº 4, fl. 13v.

<sup>12</sup> Teriam um sistema basculante para que se pudesse encontrar a posição mais adequada.

<sup>13</sup> Nos Inventários e Partilhas *da Casa dos Condes de Povolide, Condes de Aveiras e Mar-*

*queses de Vagos, 1742, é possível encontrar “...hum espelho com seu vidro com a tampa e fundo de tartaruga com guarnição de ouro a roda 4\$000. A.N.T.T., Inventários Orfanológicos Processo da Condessa de Aveiras, 1742, Caixa 84, Maço 6, 1ª Parte, Nº 18, fl. 18ºv. Nos bens de António Joaquim Pina Manique (1796), encontrava-se “Hum espelho redondo de palmo e meio com dezanove circulos, moldura de madeira pintada de preto avaliado em 6\$400”. Pela descrição, este espelho parece associar-se com o célebre espelho flamengo do painel de Jan van Eyck (1434), hoje na National Gallery de Londres. A.N.T.T., Inventários Orfanológicos Processo de António Joaquim de Pina Manique, 1796, Letra A, Maço 120, Nº1.*

<sup>14</sup> No inventário de Catarina Antónia de Sena (1744), encontra-se “Hum espelho antigo com molduras de pereiro tinto de preto que foi avaliado em \$800.” A.N.T.T., Inventários Orfanológicos Processo de Catarina Antónia de Sena, 1744, Letra C, Maço 21, nº 1 (A).

<sup>15</sup> Nos bens da Condessa da Ribeira Grande, 1782, na “Caza da Varanda,” aparece um espelho flamengo descrito como: “Hum espelho de toucador que fas de vidro dois palmos e meio de alto e dois de largo todo manchado com as molduras goarnecidas de latam e tres caixas pertencentes ao mesmo de pau-santo e goarnecidas de latam...” A.N.T.T., Inventários Orfanológicos, Processo da Condessa da Ribeira Grande, 1782, Letra J, Maço 229, Nº 3, fl. 26v.

<sup>16</sup> Franco, *O Mobiliário das Elites de Lisboa na segunda metade do século XVIII*, 56.

<sup>17</sup> J. Frade, I. Ribeiro, J. Graça J., Rodrigues, “Estudo da laca vermelha de um par de estribos Namban por Py-GC/MS,” *Conservar Património*, 9, (2009): 57-66 [https://arp.org.pt/revis-ta\\_antiga/pdf/9\\_7.pdf](https://arp.org.pt/revis-ta_antiga/pdf/9_7.pdf)

<sup>18</sup> T., R. Morna, “O interesse pelos acharoados na Europa. O impacto da técnica da laca,” in *O mundo da Laca, 2000 anos de História*, Coord. João Castel-Branco Pereira, Nuno Vassallo e Siva (Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2001), 203

<sup>19</sup> O dourado era realizado pela aplicação de folha de ouro e mordente ou pela aplicação de purpurinas e pós metálicos aglutinados em vernizes, goma-arábica ou óleos secativo. A decoração dourada podia ainda ser produzida em relevo.

<sup>20</sup> Estes vernizes eram à base de resinas e gomas naturais dissolvidas em álcoois, azeites ou hidrocarbonetos.

<sup>21</sup> Ver: Goded, C., O., “Una pincelada sobre la técnica de la laca europea,” *Ge- conservación* 17 (2020): 6-17 <https://doi.org/10.37558/gec.v17i1.691>

<sup>22</sup> Arthur de Sandão, *O Móvel Pintado em Portugal*, 2º Milhar, nº 1988, (Barcelos, Espiga Pinto, 1978), 47.

<sup>23</sup> A.N.T.T., Inventários Orfanológicos, Processo do Conde de Redondo, 1707-1708, Letra C, Maço 23, Nº 1, fl. 59v. A.N.T.T., Inventários Orfanológicos, Processo do Conde da Ponte, 1785, Letra C, Maço 82, nº 6.

<sup>24</sup> SANDÃO, *O Móvel Pintado em Portugal*, 159.

<sup>25</sup> Por exemplo, no Inventário dos bens do bispo conde de D. António de Vasconcelos e Sousa, 1708, na “Casa de velludo lavrado,” surge: “Hum adereço de casa que consta de dous escriptorios de xaraõ tres espelhos com’ as mesmas molduras, hum da marca grande, dous de menos tamanho, os pés dos escriptorios de talha, e os espelhos com remates da mesma talha excepto o grande tudo dourado, quatro valadores e dois bofetes piquenos tudo de xarã que custaraõ hum conto e trinta mil reis”. CRUZ, L., *O bispo-conde D. António Vasconcelos e Sousa e o inventário dos seus bens móveis* (Coimbra, Bibl. Municipal, 1979), s.n.

<sup>26</sup> A.N.T.T., Inventários Orfanológicos, Processo de Francisco Rodrigues Salgado, 1642, Letra F, Maço 120 (A), Nº 1.

<sup>27</sup> A.N.T.T., Inventários Orfanológicos, Processo de Francisco Pereira de Linde, 1696, Letra F, Maço 120 (A), Nº 5, fl. 40v.

<sup>28</sup> A.N.T.T., Inventários Orfanológicos, Processo do Conde de Redondo, 1707-1708, Letra C, Maço 23, Nº 1, fl. 59v.

- <sup>29</sup> A.N.T.T., Inventários Orfanológicos, Processo de D. Tomás de Almeida, 1754, Letra C, Maço 82, nº 1, fl. 50.
- <sup>30</sup> A.N.T.T., Inventários Orfanológicos, Processo do Conde da Ponte, 1785, Letra C, Maço 82, nº 6.
- <sup>31</sup> Embora pela descrição do inventário “Hum espelho que faz de toucador que faz de vidro dois e quarto de alto e dois de largo moldura redonda acharoadada,” se perceba que a forma redonda talvez quisesse corresponder a uma forma oval. A.N.T.T., Inventários Orfanológicos, Processo de Luís Lopes dos Santos (Armador), 1794, Letra L, Maço 47, nº 2, fl. 85.
- <sup>32</sup> No geral, as avaliações dos espelhos acharoados estudados até meados do século XVIII, têm um valor médio na ordem 5300 réis. No mesmo período temporal, o valor médio dos espelhos flamengos é na ordem dos 30000 réis.
- <sup>33</sup> A.N.T.T., Inventários Orfanológicos, Processo de Francisco Rodrigues Salgado, 1642, Letra F, Maço 120 (A), Nº 1
- <sup>34</sup> A.N.T.T., Inventários Orfanológicos, Processo de Luís Lopes dos Santos (Armador), 1794, Letra L, Maço 47, nº 2, fl. 85.
- <sup>35</sup> Possivelmente em todas as áreas da habitação destinadas ao aparato, como os Salões e as Salas anexas.
- <sup>36</sup> M., C. de Moncada, “Mobiliário Lusíada em Espanha – Encomenda, Circulação, Consumo e Coleccionismo – do século XVI aos nossos dias,” in *Res Mobilis* Revista internacional de investigación en mobiliário y objetos decorativos, Vol 5, Nº 6 (I), 2016, 36-55 <https://reunido.uniovi.es/index.php/RM/article/view/11447/10655>.
- <sup>37</sup> É o caso de “Hum espelho que faz de toucador que faz de vidro dois e quarto de alto e dois de largo moldura redonda acharoadada que foi visto e avaliado em a quantia de outocentos reis...” A.N.T.T., Inventários Orfanológicos, Processo de Luís Lopes dos Santos (Armador), 1794, Letra L, Maço 47, nº 2, fl. 85.
- <sup>38</sup> V.Serrão, , *História da Arte em Portugal, O Barroco* (Barcarena, Editorial Presença, 2003), 96.
- <sup>39</sup> Ver: R., C. Smith, *A Talha em Portugal* (Lisboa, Livros Horizonte, 1962)
- <sup>40</sup> É possível associar um espelho com frontão em talha dourada, na descrição de “Dous espelhos de sinco palmos de vidro com seu remate do mesmo assentado tudo em moldura do mesmo assentada em talha dourada...,” nos bens inventariados da Condessa de Assumar, 1724. A.N.T.T., Inventários Orfanológicos, Processo da Condessa de Assumar, 1724, Letra C, Maço 74, nºs 2 e 3, fl 15v.
- <sup>41</sup> R., C. Smith, “Dated looking glasses. Some imported from England, in Portuguese Sacristies: all unrecorded,” *The Connoisseur*, Vol. 163, Nº 655 (Setembro, 1966): 34-35.
- <sup>42</sup> Inventário dos bens do bispo conde de D. António de Vasconcelos e Sousa, 1708. CRUZ, L., *O bispo-conde D. António Vasconcelos e Sousa e o inventário dos seus bens móveis* (Coimbra, Bibl. Municipal, 1979), s.n.
- <sup>43</sup> Inventário do Palácio de Santos, do Visconde de Vila Nova de Portimão, 1704. SOUSA, M., T., A., *Inventário do Conde de Vila Nova Dom Luiz de Lamcastro* (Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1956), s. n.
- <sup>44</sup> A.N.T.T., Inventários Orfanológicos, Processo da Condessa de Assumar, 1724, Letra C, Maço 74, nºs 2 e 3, fls, 13v e 15v.
- <sup>45</sup> Ver: Franco, *O Mobiliário das Elites de Lisboa na segunda metade do século XVIII*, 45.
- <sup>46</sup> No inventário dos bens da Condessa de Assumar, 1724, encontra-se assinalado “Hum espelho de quatro palmos de vidro com molduras do mesmo com talha dourada uzado que foi visto e avaliado em vinte e quatro mil reis...” A.N.T.T., Inventários Orfanológicos, Processo da Condessa de Assumar, 1724, Letra C, Maço 74, nºs 2 e 3, fl, 13v .
- <sup>47</sup> Smith, “Dated looking glasses. ...,” 34.
- <sup>48</sup> Roche, *Miroirs, Galeries et Cabinets de Glaces*, 35.

- <sup>49</sup> Clouston, “Eighteenth-Century Mirrors,” 40.
- <sup>50</sup> Após o seu regresso aos Países-Baixos (1698), Daniel Marot terá trabalhado em diversos projectos, nomeadamente, na sinagoga portuguesa, <https://www.britannica.com/biography/Daniel-Marot> (acesso a 9/12/2020).
- <sup>51</sup> Nos bens de Catarina Antónia de Sena, 1744, encontra-se descrito “Hum espelho de mais de dous palmos de vidro com molduras de vidrinhos com sua grinalda do mesmo antigo e uzado...”. A.N.T.T., Inventários Orfanológicos, Processo de Catarina Antónia de Sena, 1744, Letra C, Maço 21, nº 1 (A).
- <sup>52</sup> G. Jackson-Stops, “Les Splendeurs de Baroque,” in *Histoire du Mobilier* (Paris, Éditions Atlas, 1978), 83.
- <sup>53</sup> A. Coleridge, “England 1660-1715,” in *World Furniture*, Coord Helena Hayward (Córdova, The Hamlyn Group Limited, 1965), 94-95.
- <sup>54</sup> L. Lindey, “A Restoration London Cabinet and Looking Glass Maker: Edward Traherne,” *Furniture History*, Vol. 50, 2014, 19-20. <http://www.jstor.org/stable/43946452>
- <sup>55</sup> Que também passou a ser elaborado em gesso. H. Hayward, “England 1715-1765,” in *World Furniture*, Coord Helena Hayward (Córdova, The Hamlyn Group Limited 1965), 129
- <sup>56</sup> Em 1666, espelhos e “bufetes” de prata, de possível origem inglesa, decoravam o paço da Ribeira por ocasião do casamento de D. Afonso VI com D. Maria Francisca Isabel de Sabóia. Ver: C. Bastos, A. Franco, “Para memória futura: interiores autênticos em Portugal” (A Casa Senhorial, Portugal, Brasil & Goa, s. d.), 74 <http://acasasenhorial.org/acs/index.php/pt/artigos>
- <sup>57</sup> Durante o seu reinado em Inglaterra (1662-1685), D. Catarina de Bragança terá sido uma das principais clientes do fabricante de espelhos Edward Traherne (1667-1675). Lindey, “A Restoration London Cabinet and Looking Glass Maker: Edward Traherne,” 23.
- <sup>58</sup> A. Brunt, *Guia dos Estilos de Mobiliário* (Lisboa, Editorial Presença, 1982), 91-92.
- <sup>59</sup> Já em 1705, a Câmara de Lisboa protesta contra a entrada no Reino de “enumeráveis fazendas feitas em obras,” tais como espelhos e molduras em talha dourada, contadores, escritórios, relógios etc. J. V. Serrão, *História de Portugal, A Restauração e a Monarquia Absoluta (1640-1750)*, Vol.5 (Póvoa de Varzim, Editorial Verbo, 1982), 376.
- <sup>60</sup> Smith, “Dated looking glasses...,” 34.
- <sup>61</sup> M., A., N. Valente, “Matrizes Inglesas no Mobiliário Português da Segunda Metade do Século XVIII” Tese de doutoramento, Universidade Católica Portuguesa, Volume II, 2014, 30. <http://hdl.handle.net/10400.14/15771>
- <sup>62</sup> Smith, “Dated looking glasses...”34.
- <sup>63</sup> A.N.T.T., Inventários Orfanológicos, Processo de Catarina Antónia de Sena, 1744, Letra C, Maço 21, nº 1 (A).
- <sup>64</sup> A.N.T.T., Inventários Orfanológicos, Processo Conde de Pombeiro, 1749 – 1750, Letra C, Maço 21, Nº 3, fl. 12ºv.
- <sup>65</sup> Inventário do Palácio de Santos, do Visconde de Vila Nova de Portimão, 1704. M., T., A. Sousa, *Inventário do Conde de Vila Nova Dom Luiz de Lamcastro* (Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1956), s.n.
- <sup>66</sup> A.N.T.T., Inventários Orfanológicos, Processo da Condessa de Assumar, 1724, Letra C, Maço 74, nºs 2 e 3, fl. 13v.
- <sup>67</sup> Inventário do Palácio de Santos, do Visconde de Vila Nova de Portimão, 1704. Sousa, *Inventário do Conde de Vila Nova Dom Luiz de Lamcastro*, s.n.
- <sup>68</sup> A.N.T.T., Inventários Orfanológicos, Processo de Catarina Antónia de Sena, 1744, Letra C, Maço 21, nº 1 (A).
- <sup>69</sup> No inventário dos bens da Condessa da Ribeira Grande, 1782, é possível encontrar a descrição de “Hum espelho de dois vidros que fas sete palmos e meio de alto e tres e meio de largo com suas manchas e a roda goarnecido de vidros por detras da moldura que toda he

emtalhada e transparente e doirado tudo com muito uzo que foi visto e avaliado pelos mestres louvados na quantia de quinze mil reis”. A.N.T.T., Inventários Orfanológicos, Processo da Condessa da Ribeira Grande, 1782, Letra J, Maço 229, Nº 3, fl. 26v.

<sup>70</sup> Inventário do Palácio de Santos, do Visconde de Vila Nova de Portimão, 1704. Sousa, *Inventário do Conde de Vila Nova Dom Luiz de Lamcastro*, s.n.

<sup>71</sup> A.N.T.T., Inventários Orfanológicos, Processo Conde de Pombeiro, 1749 – 1750, Letra C, Maço 21, Nº 3, fl. 12ºv. A.N.T.T., Inventários Orfanológicos, Processo de Catarina Antónia de Sena, 1744, Letra C, Maço 21, nº 1 (A).

<sup>72</sup> Serrão, *História da Arte em Portugal, O Barroco*, 195.

<sup>73</sup> Entre outros, destacamos os arquitetos João Frederico Ludwing (1670-1752) e Carlo Gimac (1651-1730), os pintores-cenógrafos Vincenzo Baccherelli (1672-1745) e Nicolau Nasoni (também arquiteto 1691-1773), os marceneiros Charles Cressent (1685-1768) e Bernard van Risenburgh (1696-1767), e o decorador Juste Aurèle Meissonier (1695-1750). Serrão, *História da Arte em Portugal, O Barroco*, 174, 181, 250, 267. A. Pradère, *French Furniture Makers, The Art of the Ébéniste from Luis XIV to the Revolution*, (Shotheby's Publications, Oxford University Press; 1990), 22.

<sup>74</sup> A., F. Pimentel, , “Os Grandes Empreendimentos Joaninos,” in *O Triunfo do Barroco*, Comité. Científico. Jorge Borges de Macedo (Lisboa, Textype – Artes Gráficas Lda, 1991) 31.

<sup>75</sup> Smith, “Dated looking glasses...,” 35.

<sup>76</sup> L. Buffet-Challié, “France,” in *World Furniture*, Coord. Helena Hayward, (Córdova, The Hamlyn Group Limited, 1965) 81.

<sup>77</sup> A. Ponte, *Mobiliário do Século XVIII, França*, Trad. Maria Helena Fernandes, 1Ed (Lisboa, Editorial Presença, 1990)15-21.

<sup>78</sup> Smith, “Dated looking glasses...,” 35-36.

<sup>79</sup> Nos bens do Conde de Pombeiro, 1749-1750, é descrito “... hum espelho de mais de seis palmos de vidro com molduras estreitas douradas...” A.N.T.T., Inventários Orfanológicos, Processo Conde de Pombeiro, 1749 – 1750, Letra C, Maço 21, Nº 3, fl. 12ºv.

<sup>80</sup> Roche, *Miroirs, Galeries et Cabinets de Glaces*, 29.

<sup>81</sup> Sandão, *O Móvel Pintado em Portugal*, 163.

<sup>82</sup> A.N.T.T., Inventários Orfanológicos, Processo do Conde de Unhão, 1759, Letra C, Maço 74, Nº 6, fl. 52 e 83.

<sup>83</sup> Nas descrições analisadas, apenas no processo do Conde de Pombeiro, é referida a dimensão “de seis palmos de vidro”. A.N.T.T., Inventários Orfanológicos, Processo Conde de Pombeiro, 1749 – 1750, Letra C, Maço 21, Nº 3, fl. 12ºv.

<sup>84</sup> No inventário do Conde de Unhão, 1759, aparece referenciado: “Dois espelhos de vestir com quatro placas irmans com sua talha dourada...” A.N.T.T., Inventários Orfanológicos, Processo do Conde de Unhão, 1759, Letra C, Maço 74, Nº 6, fl. 52 e 83.

<sup>85</sup> Nos bens da Condessa de Aveiras, 1742, surge descrito “...outro espelho com molduras douradas com dois casticais.” A.N.T.T., *Arquivo da Casa dos Condes de Povolide, Condes de Aveiras e Marqueses de Vagos*, Inventários e Partilhas, Caixa 84, Maço 6, 1ª Parte, Nº 18.

<sup>86</sup> H. Hayward, “England 1715-1765,” p. 135, Estampa 496.

<sup>87</sup> J., A. Mendes, *História do Vidro e do Cristal em Portugal*, (Lisboa, Edições Inapa, 2002), 58.

<sup>88</sup> M., H., M. Pinto, *Os Móveis e o seu Tempo, Mobiliário Português do Museu Nacional de Arte Antiga, séculos XV-XIX* (Lisboa, I.P.P.C./ M.N.A.A., 1985-1987) 10.

<sup>89</sup> Smith., “Dated looking glasses...,” 36.

<sup>90</sup> Valente., “Matrizes Inglesas no Mobiliário Português da Segunda Metade do Século XVIII,” 218.

<sup>91</sup> M. Heckscher, “Lock and Copland: A Catalogue of the Engraved Ornament” in *Furniture History*, Vol. 15 (Furniture History Society, 1979): 1-23. (acesso a 30/11/2020)

<sup>92</sup> T. Johnson, *One Hundred and Fifty New Designs* (London, 176).

<sup>93</sup> Hayward, “England 1715-1765,” 133-4, 136-7.

<sup>94</sup> Ver: T. Chippendale, *The Gentleman and Cabinet Maker's Director*, 1º Ed. (Londres, 1754).

<sup>95</sup> Hayward, "England 1715-1765," 134-137.

<sup>96</sup> Chippendale, *The Gentleman and Cabinet Maker's Director*, estampa CXLI – CXLIX.

<sup>97</sup> Quase sempre inspirados em modelos do antigo estilo Queen Anne ou em interpretações do que de mais moderno se produzia

<sup>98</sup> O mesmo terá ocorrido nas colónias inglesas da América do Norte.

<sup>99</sup> Valente, "Matrizes Inglesas no Mobiliário Português da Segunda Metade do Século XVIII," 221-2.

<sup>100</sup> Ver: C., D., Edwards, *Eighteenth-Century Furniture*, (Manchester, Manchester University Press, 1997), 112.

<sup>101</sup> Smith, "Dated looking glasses..." 37.

<sup>102</sup> Sandão, *O Móvel Pintado em Portugal*, 160.

<sup>103</sup> Nos bens de Alexandre Metelo de Sousa e Menezes, 1766, surgem: "Dois espelhos de dois vidros cada um com sua moldura pintada de cor de nogueira filetes dourados...". A.N.T.T., Inventários Orfanológicos, Processo de Alexandre Metelo de Sousa e Menezes, 1766, Letra A, Maço 121, nº 1.

<sup>104</sup> Apesar de tardio, no inventário dos bens de João Valentim Caupers, 1798, é possível encontrar "Hum espelho com dous vidros de sinco palmos de alto madeira de pinho folhiada de nogueira uzado avaliado em mil e seiscentos reis..." A.N.T.T. Inventário Orfanológico, Processo de João Valentim Caupers, 1798, Letra J, Maço 226, Nº 4, fl. 46v.

<sup>105</sup> No inventário da Condessa da Ribeira Grande, 1782, surgem referencias a espelhos deste período em: "Hum espelho de perto de cinco palmos de alto e tres e meio de largo posto em moldura emtalhada e dourada em bom uso...". A.N.T.T. Inventário Orfanológico, Processo da Condessa da Ribeira Grande, 1782, Letra J, Maço 229, Nº 3, fl. 26v. No processo do Conde da Ribeira Grande, 1802, surgem : "Hum espelho que faz o vidro de alto seis palmos, e tres e meio de largo molduras de pinho goarnecidas de talha com seus vidros e embotidos por baixo com seu pé, e pedra em sima tudo antigo..." e "Hum espelho de dois vidros estes todos manchados menos de sete palmos de alto, tres e meio de largo molduras de pinho goarnecidas de talha dourada com seus embotidos de vidros alguns destes quebrados..." A.N.T.T. Inventário Orfanológico do Conde da Ribeira Grande, 1802, Letra C, Maço 83, nº 1, fls 29 e 31.

<sup>106</sup> Smith, "Dated looking glasses..." 37.

<sup>107</sup> A.N.T.T. Inventário Orfanológico, Processo da Condessa da Ribeira Grande, 1782, Letra J, Maço 229, Nº 3, fl. 26v; A.N.T.T. Inventário Orfanológico, Processo de João Valentim Caupers, 1798, Letra J, Maço 226, Nº 4, fl. 46v; A.N.T.T., Inventários Orfanológicos, Processo de Joaquim da Costa Quintela, 1800, Letra J, Maço 248, Nº 6.

<sup>108</sup> A.N.T.T., Inventários Orfanológicos, Processo de D. António José de Castro, 1801, Letra C, Maço 84, nº 1(A), fl 27; A.N.T.T., Inventários Orfanológicos, Processo de Marquês de Soidos, 1799, Letra M, Maço 75, nº 3, fl. 32.

<sup>109</sup> A.N.T.T., Inventários Orfanológicos, Processo de D. António José de Castro, 1801, Letra C, Maço 84, nº 1(A), fl 27.

<sup>110</sup> Em 1776, abria em Lisboa uma fábrica de espelhos pertencente a Jácomo Ghirra. J. V. Serrão, *História de Portugal, O Despotismo Iluminado (1750-1007)*, Vol. 6 (Povoa de Varzim, Editorial Verbo, 1996), 203.

<sup>111</sup> Este facto é evidente no inventário do Marquês de Nisa, 1784, onde surge "Hum espelho a ingleza avaliado em quatro mil reiz." A.N.T.T. Inventário Orfanológico, Processo do Marquês de Nisa, 1784, Letra M, Maço 306, Nº 3, fl. 27v.

<sup>112</sup> Além de motivos Clássicos (como os *grotescos*), os elementos decorativos do Estilo Adam incluíam: encordoados de grinaldas, espigas e flores em boca-de-sino, vasos, urnas, conchas elaboradas, folhas de palmeira, rolos de folhas e galhos estilizados.

<sup>113</sup> Provavelmente os desenhos sobreviventes seriam trabalhos preparatórios, uma vez que, era possível que os desenhos terminados seriam enviados para produção e de onde raramente voltavam.

<sup>114</sup> C. Musgrave, “England 1765-1800,” in *World Furniture*, Coord Helena Hayward (Córdova, The Hamlyn Group Limited 1965), 138-143.

<sup>115</sup> Na verdade o catálogo foi publicado pela viúva de Hepplewhite, após a sua morte em 1786.

<sup>116</sup> G. Hepplewhite, *The Cabinet-Maker and Upholsterer’s Guide*, (London, Architectural Library, 1794), Estampa 116-118.

<sup>117</sup> Musgrave, “England “1765-1800,” 144.

<sup>118</sup> No inventário dos bens de António Joaquim de Pina Manique, 1796, surgem descritos “Outros espelhos de palmo com pássaros de penaz sobrepostos com molduras de pau-preto...” A.N.T.T. Inventário Orfanológico, Processo de António Joaquim de Pina Manique, 1796, Letra A, Maço 120, Nº1, fl 49.

<sup>119</sup> Os “paizes,” Segundo Bluteau, os “paizes” são: “Paineis em que eitão representados arvoredos, prados, fontes, casas de prazer, & outros aprazíveis objectos do capo”. R., Bluteau, *Vocabulário Portuguez e Latino*, Vol. 6 (1720), 187.

<sup>120</sup> Sandão, *O Móvel Pintado em Portugal*, 160.

<sup>121</sup> A mesma solução, nos desenhos de Adam, era obtida pela aplicação de “camafeus” de Wedgwood. Ponte, *Mobiliário do Século XVIII, França*, 51.

<sup>122</sup> A.N.T.T., Inventários Orfanológicos, Processo de Marquês de Soidos, 1799, Letra M, Maço 75, nº 3, fl. 32.

<sup>123</sup> Ainda no inventário dos bens de António Joaquim de Pina Manique, 1796, surgem “Seis espelhos ovalados ao largo molduras, e ornatos doirados, e de cor de perala...”; e “Seis espelhos redondos de três quartos moldura e pau-preto, e (a) marelo...” A.N.T.T. Inventário Orfanológico, Processo de António Joaquim de Pina Manique, 1796, Letra A, Maço 120, Nº1, fl 49.

<sup>124</sup> A.N.T.T., Inventários Orfanológicos, Processo do Conde da Ponte, 1785, Letra C, Maço 82, nº 6.

<sup>125</sup> A.N.T.T., Inventários Orfanológicos, Processo de Marquês de Soidos, 1799, Letra M, Maço 75, nº 3, fl. 32.

<sup>126</sup> A.N.T.T. Inventário Orfanológico, Processo de José da Cruz de Miranda, 1802, Letra J, Maço 227, Nº 9, fl. 41v.

<sup>127</sup> A.N.T.T. Inventário Orfanológico do Conde da Ribeira Grande, 1802, Letra C, Maço 83, nº 1, fl.23.

<sup>128</sup> A.N.T.T. Inventário Orfanológico, Processo de José António de Sousa Coutinho, 7º Correi-Mor do Reino, 1790, Feitos Findos, Diversos, Maço 20, nº22.

<sup>129</sup> Destas dimensões, verifica-se a tendência dos espelhos, desta época, para formas geométricas bem vincadas.

<sup>130</sup> Nos bens da Condessa da Ribeira Grande, 1782, encontra-se uma alusão a esta solução arquitectural na referência: “Hum espelho de tres vidros que faz de alto nove palmos tres e meio de largo posto em seu caixilho embotido em parede...” A.N.T.T. Inventário Orfanológico, Processo da Condessa da Ribeira Grande, 1782, Letra J, Maço 229, Nº 3, fl. 26v.

<sup>131</sup> Hélder Carita, Homem Cardoso, *Oriente e Ocidente nos Interiores de Portugal* (Porto, Civilização Editora, 1999) 184-85.

<sup>132</sup> A.N.T.T. Inventário Orfanológico, Processo de António Joaquim de Pina Manique, 1796, Letra A, Maço 120, Nº1, fl 49

Fecha de recepción: 10 de mayo de 2021

Fecha de revisión: 25 de noviembre de 2021

Fecha de aceptación: 13 de enero de 2022